



TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS: UMA REFLEXÃO SOBRE COTIDIANOS UNIVERSITÁRIOS E AS SUBJETIVIDADES PRESENTES NA CONSTITUIÇÃO DO CURRÍCULO¹

Bruna Borges da Veiga (PPGEdu/UNEMAT) – bruna_nmvm@hotmail.com
Elen Caroline Tessaro (PPGEdu/UNEMAT) – elen.95tessaro@gmail.com
Loriége Pessoa Bitencourt (PPGEdu/UNEMAT) – loriege.pessoa@unemat.br

GT 10 - ENSINO, CURRÍCULO E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Resumo:

O presente artigo objetiva analisar como os estudantes universitários da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus Cáceres-MT, evidenciam suas trajetórias e experiências acadêmicas a partir de suas subjetividades e as contribuições na constituição do currículo de sua formação e dos cotidianos universitários. Realizou-se para isso, um curta metragem sobre o cotidiano universitário a partir de filmagens e entrevistas com acadêmicos que foram editadas contendo os depoimentos dos participantes da pesquisa juntamente com as imagens da universidade organizadas em um vídeo. Realizamos as análises dos depoimentos presentes no curta metragem, evidenciando questões sobre as subjetividades presentes na constituição do currículo e do cotidiano universitário. Portanto, consideramos a partir da análise realizada nesta investigação que é indispensável ao processo educativo o desenvolvimento da Pedagogia Universitária, a criação de uma relação mais profissional entre estudante e professores para que a aprendizagem se concretize na troca de experiências e que, unindo forças, busquem superar os desafios, para a compreensão da importância da universidade pública, de qualidade que contribui para a realização de sonhos.

Palavras-chave: Currículo. Trajetórias Acadêmicas. Cotidianos Universitários.

1 Introdução

A universidade é uma das principais instituições de Educação Superior responsáveis por formar e qualificar diversos indivíduos para o mundo profissional e para o mercado de trabalho. De acordo com o resumo técnico do Censo da Educação Superior 2019, publicado em 2021 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, no ano de 2019 no Brasil havia 302 Instituições de Educação Superior - IES públicas, representando 11,6 % do total. Essa IES públicas potencializam o direito a Educação Superior e à formação profissional nas diferentes regiões do país. (INEP, 2021)

A educação é reconhecida como um dos principais direitos garantidos por lei para a formação do cidadão que, desde de seu nascimento, aprende com a família, iniciando assim sua inserção no convívio social, onde se dá os primeiros passos para uma grande conquista e

¹ O artigo é um trabalho final de um Tópico Especial Estudos de Currículo, oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEdu, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Mestrado em Educação no ano de 2019.

realização da experiência de vida, que se estende ao direito conquistado em que o Estado garante a educação de qualidade desde a Educação Básica até a Educação Superior.

Diante do fato de que as IES são instituições fundamentais para a formação dos sujeitos, dispondo de elementos facilitadores que garantem o acesso às pesquisas e as descobertas de novos conhecimentos intitulados importantes para a sociedade e o mundo em que se vive, pensamos que, nessa apropriação simultânea de liberdade de manifestação dos sujeitos, em suas diferenças e diversidades nos espaços que os mantêm juntos e edificantes na luta pela educação e formação superior, é importante relacionar o currículo e cotidiano a partir de autores que discutem e potencializam a relação desses aspectos do dia a dia das universidades.

No entanto, existem por vezes, mecanismos e estruturas de poder invisíveis aos que nele participam constantemente, e que a compreensão/consciência destes, passa a ser necessário na constituição dos indivíduos tanto no coletivo como individualmente, nesses *espaçostempos*, de forma não alienante.

Neste contexto, esta pesquisa, cujo trabalho final se constituiu neste artigo, surgiu inicialmente no tópico especial *Estudos de Currículo*, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Objetivou-se analisar como os estudantes universitários da UNEMAT/Cáceres se constituem como indivíduos autônomos e evidenciam suas trajetórias e experiências nesta instituição, a partir de suas subjetividades no processo de constituição e desenvolvimento do currículo de sua formação e do cotidiano universitário. A questão que procuramos responder neste artigo é: Como as subjetividades dos indivíduos, ou seja, o processo de autonomia do indivíduo, de formação, de tomada de consciência, nos espaços universitários, acontece? E, conseqüentemente, traremos as nuances presentes na constituição e desenvolvimento do currículo e cotidiano universitário.

Para responder tal questão, produzimos um curta metragem sobre o cotidiano universitário possibilitando compreender como evidenciam sua trajetória e experiências na universidade e, neste artigo, estaremos analisando alguns dos depoimentos contidos neste curta metragem.

2 Fundamentação teórica

Refletir sobre currículo e cotidiano na atualidade nos conduz a pensar as relações sociais, culturais, políticas e econômicas, pois estas contribuem para a compreensão da base estruturante da sociedade que, conseqüentemente, estão relacionadas as discussões educacionais. Este artigo

em especial, busca evidenciar que nas Universidades vem ocorrendo uma expansão de discussões múltiplas sobre as diversidades presentes na sociedade e suas inferências nos espaços escolares, nos quais as vivências e experiências são significadas pelas interações entre sujeitos.

Esses espaços universitários são responsáveis pela construção e reprodução de conhecimentos e reorganização das atitudes morais, éticas, de respeito e de valores humanos e sociais que estão inseridos na educação superior. O cotidiano universitário, a troca de experiência na roda de conversa, o espaço de intervalo, os grupos em sala de aula, a pressão das disciplinas e dos professores, a biblioteca, a ausência de restaurante universitário, ausência de moradia estudantil, o pátio, o bar, os eventos, os Saraus, as amizades, as aventuras, as descobertas, as risadas, as violências físicas e simbólicas, os choros e os recomeços são, de fato, elementos constituintes deste cotidiano universitário.

Todos que fazem parte deste contexto acabam, uma hora ou outra, se deparando com situações de igualdade e desigualdades. Nessa posição, acabam se identificando e, juntos, unem forças para a transformação da realidade de modo que vão estreitando os laços de amizade e de proximidade com o meio acadêmico. Esse processo possibilita um ambiente de estudos, com foco na formação profissional, troca de saberes e diálogos entre professores e estudantes (FIORIN, 2015).

Conforme Larrosa:

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, como tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (LARROSA, 2002, p. 25).

Nesse sentido, a partir do autor citado, as experiências vivenciadas pelos sujeitos permitem uma aproximação com sua subjetividade de forma prática, nos debates, nas perguntas, nos diálogos, aumentando, assim, a capacidade das discussões com os pares, com o diferente. Essa realidade em que vivem, podendo desfrutar de embates, lutas, interesses, mudanças, altos e baixos, essa exposição, mesmo com a vulnerabilidade e o risco como diz o autor, acaba por contribuir com a experiência que nada seria se nela não ocorre-se, não ameaça-se, não afeta-se e não chega-se.

Os cotidianos são importantes nesse contexto, pois os sujeitos vivem constantemente com conflitos que os rodeiam das mais variadas formas, essa capacidade de exposição e experimentação contribui com os sujeitos e reflete nos caminhos futuros fora da universidade. Na perspectiva de Certeau (1998, p. 31):

[...] o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior [...]. É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta “não história” [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível [...].

O cotidiano, por vezes, é invisível aos que lhe buscam. Ao ver o dia a dia, de um estudante ou de um professor, necessário se faz ousar, possuir um olhar amplo, diferenciado, ir além de onde a visão alcançar, para compreender que cada indivíduo tem sua particularidade sobre esse dado que nos cabe compartilhar dia após dia se tornando o caminho e a história de cada ser em particular. Para Maldonado (2009, p. 24), “olhar o cotidiano e resgatar o seu passado, não para guardá-lo ou conservá-lo, mas para salvá-lo”, assim se faz o dia a dia de estudantes na universidade e fora dela.

As pesquisas com cotidianos revelam um entremeado de relações tecidas entre os *espaçostempos* que os sujeitos vivem por meio da ramificação de sentidos:

Nos Estudos com o cotidiano a complexidade só pode ser apreendida por um processo de dupla captura: a complexidade horizontal da vida social deve ser reconhecida e descrita na contextualização do vivido, que está intimamente implicada na complexidade vertical da vida social e na coexistência de relações sociais datadas em diferentes momentos históricos. Em Lefebvre, no vivido, os diferentes modos de produção de significados e interações e a experiência concreta das contradições são simultâneos e coexistem, o que possibilita a emergência dos momentos de criação que transformam o impossível no possível imediato. Na vida cotidiana o tempo é o tempo do possível, que se manifesta como impossível; é na e pela prática cotidiana do homem comum que se produzem as condições de (e se efetivam, muitas vezes de modo fragmentado e pontual, mas nem por isso menos importante) transformação do impossível no possível (PÉREZ; AZEVEDO, 2008, p. 39).

É necessário, portanto, ao estudar cotidianos, percebê-los, entender como é, e o que de fato significa esse dia a dia, esses *espaçostempos* que coexistem de maneiras simultâneas nas vidas dos sujeitos e que os transformam, que os movimentam, que os instigam, que os emocionam, que os consomem, e efetivamente que afeta e fragmenta os pontos que se constituem como seres conviventes em sociedade, pois “é preciso ter um olhar voltado para o que acontece nos cotidianos e perceber esses fatos nos detalhes (Ginzburg, 1989) e pormenores do que é contado, expresso pelos atores da pesquisa” (FIORIO; LYRIO; FERRAÇO, 2012, p. 571).

Em contextos, seja escolar ou seja universitário, nos deparamos com a concretização de um currículo que forma e deforma as características do rumo dos seres em sociedade. E é na problematização consciente sobre o que de fato esse currículo importa, tanto ao ver a composição de um indivíduo que pensa e produz conhecimento, quanto a integração do convívio nos cotidianos no dia a dia entre relações ocupacionais e relacionais da vida em sociedade, que se constitui um currículo com menor reprodução de desigualdades. Como salienta Silva (2002, p. 147), “o currículo é uma questão de saber, identidade e poder”, sendo responsável direto pela estrutura da reprodução da divisão de classes sociais, entre o que é ensinado e aprendido através desse currículo estabelecido e aprovado. Conforme o autor:

O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é o lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é auto biografia, nossa vida, currículo vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (SILVA, 2002, p.150).

Logo, o currículo é tudo, é vida, é espaço, é caminho, é se formar com o descobrir dos atos, brincar e aprender o social, correr e encontrar a verdade, pensar e movimentar a formação. O currículo é o sentido, o significado, é o poder e sua identidade, quem com ele tem, modela quem os contém. Nessa reflexão pensamos que currículo também é arma, que poderosos usam para manipular, sendo o professor capaz de parar a quem ousa subestimá-lo.

A constituição de um currículo universitário requer de fato organização de fatores críticos, reflexivos, alternativos, expansivos para atingir o público que vem ao seu interior de variadas fontes, cores, sexos, amores, desenhos, culturas, cenários, ambientes, experiências, pensamentos, religiões, e condições sociais.

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. (VEIGA-NETO, 2002, p.7)

O currículo, tanto escolar como universitário, contempla aspectos, como saúde, sexualidade, família, social, política, trabalho, cultura, linguagens, meio ambiente e que são essenciais na construção do aprendizado dos estudantes, na universidade, e isso se torna ampliado, combinando fatores ainda mais complexos e junções específicas no decorrer dos anos de estudo.

Assim, compreendendo currículo a partir desses princípios, e, considerando que surgem de um englobamento de trabalho coletivo, Ferraço (2004) retrata sobre a noção de que quando entendidos como sujeitos mestiços, tais sujeitos re/inventam ambientes movediços, entre lugares nos territórios escolares, no qual possibilitam os movimentos de identidade culturais, políticas, econômicas e sociais, em seu contexto atual.

Falar de currículo, cotidiano e conversações remete a falar de processos de subjetivação que são engendrados no cenário social e educacional, como meios de sujeição, no sentido de submissão a outros, pelo controle e dependência, assim como pelo sentido do conhecimento de si mesmo e autonomia possibilitado pelas práticas discursivas em sua formação correspondente. (FOUCAULT, 1979, *apud* FERRAÇO; CARVALHO, 2012, p. 5)

Assim, essas relações, esses encontros entre os sujeitos, e encontros dos sujeitos com o meio na escola, na sociedade ou na universidade, nos remetem a reflexões acerca da formação que perpassam os movimentos de identificação, de como se relacionam as questões entre o currículo de formação dos sujeitos, e o seus cotidianos no ambiente formativo.

3 Metodologia da Pesquisa

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa que conforme Minayo, Gomes e Deslandes (2001, p. 26), “podemos dispor de dados, mas o problema de pesquisa, os objetivos e as hipóteses e/ou questões não estão claramente definidas”, caminhando em direção a uma investigação que busca analisar questões referentes a trajetórias acadêmicas na universidade.

Para elaboração desta pesquisa, realizamos procedimentos de pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2002, p. 44). E quanto a pesquisa campo compreendemos que esta se caracteriza como etapa da pesquisa destinada a produção de dados juntamente com os sujeitos selecionados no *locus* considerado (FONSECA, 2002).

Com o objetivo de criar um curta metragem a partir do cotidiano universitário, elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturado com questões que abordavam as vivências e experiências universitárias dos sujeitos a partir de sua trajetória acadêmica, gravamos e editamos um vídeo contendo os fragmentos de várias entrevistas. Para esse artigo, a transcrevemos as entrevistas, pois “a relevância da entrevista como técnica utilizada nas pesquisas qualitativas é amplamente reconhecida, especialmente nas pesquisas educacionais”. (SOUSA; CABRAL, 2015, p. 153)

Para o curta metragem editamos os depoimentos em um vídeo juntamente com as imagens da universidade para completar o trabalho final de um Tópico Especial Estudos de Currículo, oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGedu, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Mestrado em Educação no ano de 2019.

Evidenciamos, portanto, neste artigo as análises dos depoimentos presentes no curta metragem, apontando questões sobre currículo e cotidiano universitário, apresentando as subjetividades dos sujeitos e as relações subsistentes na construção conjunta de aprender, saber, fazer e ser que estão presentes neste artigo.

Entramos em contato com acadêmicos de diferentes cursos da universidade, cinco estudantes aceitaram participar desta investigação, se dispuseram assim, a responder questões relacionadas ao cotidiano nos *espaçostempos* vivenciados nas relações universitárias que vem a influenciar diretamente a constituição e desenvolvimento do currículo na universidade.

Os dados desta pesquisa, foram gravados por celulares das pesquisadoras e posteriormente realizou-se a categorização e análise dos dados como base na técnica da análise de conteúdo de Bardin (1977). Compomos assim, um conjunto de informações referentes as trajetórias, histórias, realidades e perspectivas dos entrevistados diante do contexto universitário, que será apresentada a seguir, a partir de fragmentos e reflexões dos discursos que correspondem as experiências e vivências dos participantes da pesquisa na universidade.

4 Discussão e análise de dados

É perceptível a importância atribuída pelos estudantes universitários à Universidade pública, compreendendo-a como espaço de possibilidades a eles de entendimento do ser político e social e a representatividade de cada sujeito na sociedade, conforme:

[...] eu acho que o conhecimento que a universidade pública traz não é o mesmo conhecimento que a universidade privada traz [...] as causas militantes [...] acho que universidade pública traz muito isso, [...] faz a gente ter maior conhecimento sobre os nossos direitos e [...] ver que os nossos direitos são tomados da gente, então faz com que a gente queira lutar. (E1).

Assim, segundo E1 o cotidiano universitário de uma instituição pública potencializa, além da formação acadêmica, pois é “um lugar capaz de nos revelar possibilidades e descobertas do novo, espaço onde as transformações realmente acontecem” (FIORIO; LYRIO; FERRAÇO, 2012, p. 570). Essas percepções de mudanças, de descobertas do novo, são evidenciadas:

[...] a bagagem que estou ganhando aqui [na Universidade], é inexplicável, é tanta coisa que a gente aprende todos os dias. Conceitos que a gente achava que sabia, por que a gente sabia o básico [...], a gente aprende em sociologia, sobre democracia representativa, participativa, sobre economia solidária, sobre cooperação, solidariedade, capitalismo, então, conhecemos essas coisas, essa ocupação identitária que criamos, ela acaba sendo uma potência de luta, eu já mudei muito a minha percepção de mundo, determinadas matérias, tipo sociologia, filosofia, metodologia científica, e acaba que me muda a cada dia, é aquilo metamorfose ambulante, que a cada dia somos uma coisa diferente, e é de fato mesmo. (E2).

Na fala de E2, aparece o movimento que o currículo proporciona aos sujeitos da formação, e é perceptível a importância atribuída às questões políticas, às discussões sobre diversidade que a universidade pública possibilita, são grandes marcos nas falas dos entrevistados, assim como as barreiras ainda enfrentadas dentro da própria instituição (FIORIO; LYRIO; FERRAÇO, 2012).

Outra situação que fez parte das falas dos entrevistados que constituem também o currículo de formação, foi com relação às bolsas de estudos. Os sujeitos narram que a Universidade oferece a possibilidade deste auxílio, porém a burocracia e valor da mesma são apontados como falhos no processo. É evidenciada a importância desse auxílio para que muitos estudantes que veem de outras regiões permaneçam na cidade, entretanto, alguns sujeitos preferem continuar no mercado de trabalho, pois o salário, a remuneração mensal, é um valor mais considerável em relação a bolsa de estudos. Chamam a atenção quanto à burocracia presente no processo de seleção, os entrevistados dizem que acaba por desclassificar estudantes mesmo estes precisando da bolsa de estudos, deixando evidente neste processo que a oferta de bolsas é insuficiente ao número de estudantes que precisam do auxílio. Como verificamos em uma fala representativa que escolhemos:

[...] meus pais não me ajudaram em nada para vir para cá, questões financeiras e apoio mesmo eu não tive dos meus pais, [...] aí eu falei [...] vou dar um jeito e realmente eu dei um jeito, [...] consegui juntar um dinheiro [...] e vim para cá. E eu fiquei pesquisando um pouco aqui e vi que tinha auxílio, moradia, alimentação, para quem era de fora [...], então eu falei eu preciso disso, [...] eu preciso literalmente dessa bolsa. Com pouco do dinheiro que eu tinha eu tirei cópia de todos os documentos que eram necessários, por que foi aberta as inscrições, corria atrás de tudo certinho, aquela loucura, [...] fiz a entrevista, mas eu não passei por que faltava algum documento do meu pai, sendo que desde meus 15 anos eu sou uma pessoa independente financeiramente, mas não era de carteira assinada, então não tinha como eu comprovar isso aqui, dessa forma eu senti muita burocracia para poder conseguir essas bolsas, não consegui. E eu falei, cara e agora o que eu faço? Eu fiquei uns três meses aqui, sem arranjar nenhum emprego distribuindo currículos igual uma louca. E não tinha conseguido a bolsa, então eu fiquei meio desesperada, e falei se eu não conseguir nada eu vou ter que voltar [...]. Mas assim, [...], eu consegui meus primeiros meses a começar dar aula particular para crianças aqui em Cáceres [...]. Morei aqui meu primeiro semestre todo eu morei de favor [...]. Então dessa forma eu precisava mais arranjar um emprego do que estudar e foi isso que fiz. Eu estava dando prioridade em arranjar um emprego, e deixei meus estudos de lado no primeiro semestre, não estava conseguindo fazer meus trabalhos, por essa

questão. E eu consegui um emprego aqui, ganhado muito pouco [...] acredito que por eu ser de fora as pessoas exploram ainda mais na questão de trabalho, porque sabem que a gente depende daquilo, dessa forma eu trabalhava o dia inteiro para ganhar 300 reais e nem dava para eu pagar o aluguel do garoto que me recebeu aqui em Cáceres. Eu já estava esgotada emocionalmente, psicologicamente, eu posso dizer que meu emocional ficou abalado por tudo isso que estava acontecendo e pelas dificuldades que eu frequentava aqui da universidade as burocracias, e a questão de trabalho. E aí eu consegui um emprego fixo em um salão de beleza que hoje eu trabalho lá como cabeleireira, e ainda está sendo muito difícil conciliar meus estudos com a minha profissão, por que eu trabalho dia inteiro e só tenho no domingo para poder estudar, mas eu estou levando. (E2).

Neste sentido, os estudantes mesmo apresentando uma baixa condição social, muitos vindos de outras cidades, acabam por não conseguir bolsas, “sendo assim, o conhecimento que narramos sobre nós mesmos e do mundo expressa politicamente o que se passa ou o que se passou [...]” (FERRAÇO; CARVALHO, 2012, p. 07), ficando evidente aqui a compreensão de como as políticas de acesso e permanência estão diretamente ligadas à qualidade da formação dos acadêmicos. Para alguns o valor da bolsa de estudos não os ajuda, tendo que abrir mão da mesma e trabalhar o dia inteiro para se manter, chegando no horário de suas aulas, cansados.

Ao abordar sobre os impactos de ingressar na Educação Superior, os entrevistados evidenciam como uma das primeiras dificuldades, o fato de ir morar e estudar em outra cidade longe da família, o que acaba dificultando a adaptação. Porém em suas falas, também havia a compreensão da importância desta experiência para o amadurecimento pessoal e, conseqüentemente, para a vida profissional. Neste sentido, destacamos que a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 21). Deste modo, os entrevistados narram vivências que os transformaram, que possibilitaram amadurecer, aprender e assim experienciar a vida:

Ter o curso superior para mim, sendo mulher, sendo negra, [vindo da] escola pública, [...] é uma grande conquista é uma quebra de barreira, de padrões, eu posso dizer que é uma conquista feminina. A gente de alguma forma tem que correr atrás se especializar, e a gente tem que buscar muito mais [...]. (E2).

Tudo que eu vivi antes de eu chegar aqui foi importante, em quesito de escola mesmo, mas eu consigo entender que eu tenho privilégios, porque eu estudei minha vida inteira em colégio particular. [...] Em quesito emocional foi um baque, [...] foi muito novo, porque eu nunca tinha ficado tanto tempo longe da minha mãe, longe do meu pai, longe da minha família, todo meu período de escola eu morei com eles, então eu sempre tive o apoio deles. [...] Vai servir muito para mim, em quesito de amadurecimento, enfim que eu acho que eu aprendi no decorrer do tempo que eu estou aqui. [...] (E1).

A partir das falas dos sujeitos, verificamos que estes concebem que a escola particular prepara os estudantes para ingressar em uma universidade pública, e que a escola pública acaba por preparar o estudante para o mercado de trabalho, como evidenciado também na fala a seguir:

[...] eu acho que já entra outros problemas, que vem lá do início até o ensino médio, principalmente, [...] na escola pública. [...] No meu ensino médio todo, eu não tive preparo para entrar na universidade, o meu preparo foi para o mercado de trabalho, que é totalmente diferente, a gente estudava, para poder melhorar de vida na questão profissional mesmo, para poder melhorar de vida e não para entrar na universidade, eu só consegui ter esse privilégio de formação por que eu convivia com pessoas que de certa forma eram privilegiadas e tinha acesso a toda essa educação de qualidade, graças a isso que na época eu morava em condomínio e que tinham muitas pessoas ali [...] dessa forma eu ganhei muitas informações que ajudaram eu estar aqui hoje, eu tive a informação que poderia fazer um cursinho que eu poderia fazer uma prova para eu ganhar uma bolsa, eu poderia fazer o cursinho para poder entrar em uma universidade pública, e aí, tem também outra questão que o ensino médio público, eu acho que todo ensino público tem muita carência de informação, eu não sabia o que era SISU, eu não sabia que para entrar na universidade tinha que fazer ENEM, eu não tinha nada dessas informações no meu ensino médio, eu tive que procurar fora, [...] (E2).

O acesso à informação é outro aspecto evidenciado nas falas dos entrevistados, pois os sujeitos dizem ser restrito e, segundo eles, quem não tem privilégio de ter computador, internet ou alguém que possa instruir, fica alienado as informações e acabam perdendo as oportunidades. As falas nos fazem compreender que a ideia do currículo como algo instrutivo, que define aos professores o que ensinar como se fossem trabalhadores manuais, desenvolvida nos Estados Unidos e na Inglaterra, uma visão elitista conhecida como “educação liberal”, deixou traços no sistema educacional brasileiro. “Essas tradições perderam muito de sua credibilidade a partir das décadas de 1960 e 1970, embora a ideia de que as escolas precisam ser “mais eficientes”, como fábricas, nunca tenha desaparecido por completo em nenhum dos dois países” (YOUNG, 2014, p. 103), ficando evidente na fala dos entrevistados a presença destas ideias. O privilégio de estudar em escolas da rede privada de educação, proporciona o acesso a informações e conhecimentos que muitas vezes não são ofertados em escolas públicas, e nas falas dos estudantes entrevistados isso fica muito evidente.

Os estudantes entrevistados que fizeram sua Educação Básica em escolas públicas, relatam que muitos contratempos interferiram em sua trajetória formativa, o que impediu estes de “terem uma formação que se equiparasse aos estudantes de escola particular” (E2). De acordo com Sampaio e Guimarães (2009, p. 47), “a grande diferença de desempenho entre estudantes de escolas públicas e privadas levantam questões sobre suas causas e qual a magnitude dos fatores responsáveis”, ou seja, quais principais fatores dessa diferença? Os estudantes participantes desta pesquisa abordam essa questão, que representa sua constituição

enquanto sujeito de direito e os lugares que ocupam socialmente mediante as oportunidades e condições para tal, que lhes são ofertadas.

Assim, em diálogo, os entrevistados concluem a importância que tem as políticas de cotas ou ações afirmativas, pois não é por falta de capacidade dos estudantes e, sim, porque há uma falha no sistema social e educacional que impede e não possibilita condições de acesso a meios de aprendizagem e informação, e são nas escolas públicas que essa vulnerabilidade, por vezes, se torna perceptível.

Entre os assuntos discutidos que permeiam o cotidiano dos estudantes universitários, é narrado as situações de preconceito, com destaque para o machismo enfrentado pelas estudantes mulheres no meio acadêmico, situações de inferiorização do estudante a partir de falas machistas por parte dos professores homens, gerando abalo psicológico e emocional, e a desistência da disciplina ministrada pelo professor. O que é evidenciado também por Favacho (2016), ao tecer uma crítica às relações de saber e de poder nutridas por professores, currículos e políticas curriculares, presentes nos cotidianos dos professores e dos sujeitos dentro de ambientes educacionais. Outra situação destacada é o preconceito referente a sua orientação sexual e cor da pele. Para Favacho (2016), ao abordarmos questões de gênero, sexualidade, raça, etnia, cultura, entre outros, estamos adentrando no tema da subjetividade presente no currículo.

Também foi evidenciado nos cotidianos dos estudantes universitários, aspectos quanto à infraestrutura da Universidade, sendo destacado problema recorrente do ar condicionado, da biblioteca com relação aos livros/referências exigidos pelos professores, não há estas literaturas disponíveis na biblioteca; a disponibilidade do laboratório de informática da instituição, por não ser de conhecimento e acesso de todos os estudantes; a inviabilidade do museu do curso de história não ficar no prédio onde ocorrem as aulas, prejudicando o andamento de algumas atividades. Assim, compreende-se que estes aspectos também constituem o currículo, pois como destacado por Favacho (2016, p. 489) o currículo é “uma invenção moderna, uma maquinaria destinada a regular e disciplinar a vida dos indivíduos, que se inscreve entre nós de maneira sutil e tênue”, neste sentido, as estruturas ao qual estamos expostos, e somos condicionados a enfrentar fazem parte de uma organização pensada e organizada para nossa existência.

Outro aspecto destacado pelos estudantes universitários foi em relação a segurança no *campus*, os entrevistados relatam que alguns assaltos já ocorreram no pátio da instituição e que não há uma preocupação maior com relação a estes fatores, deixando os mesmos vulneráveis a essa violência, sendo “a segurança pública é um dos principais problemas sociais do Brasil e

incide em todas as esferas da sociedade, inclusive nas Universidades” (RODRIGUES; MELO, 2019, p. 01), assim fica evidente essa insegurança e o risco do perigo de assaltos dentro do espaço universitário. Conforme os autores

A garantia da segurança pública é de incumbência e dever do Estado para assegurar a proteção da vida, o bem-estar das pessoas e a segurança da própria nação contra o crime, a violência, os sinistros e os desastres. [...] por fim, [...] estamos diante de um modelo de segurança em que não se inscreve a dimensão da segurança cidadã. (FREITAS *et al.*, 2017, p. 12).

Para os estudantes entrevistados se faz necessário uma maior vigilância no entorno dos prédios da universidade, assim como ampliar espaços de iluminação para manter melhor segurança e conforto aos que circulam pelo espaço universitário.

As falas dos entrevistados demonstram também como as relações entre alunos e professores podem contribuir para formação do sujeito e sua permanência na Universidade, mas também são retratadas situações nas quais o professor é, em grande medida, causador de abalos emocionais e psicológicos dos estudantes. Em um dos casos, por exemplo, a estudante relata que veio a desistir de uma disciplina devido a comentários machistas do professor. De acordo com Peres (2016, p. 04), “as mulheres sentem o peso desse enquadramento: 77% delas dizem que o machismo impacta diretamente em seu desenvolvimento [...]”, assim, é preciso o olhar atento ao respeito mútuo na universidade, prevenindo danos psicológicos, morais, culturais ou sociais que afetam os estudantes de suas mais variadas formas, por se tratar de uma cultura pré-defina e arraigada pela sociedade. Para Sanguinete (2016, p 18):

A busca pela quebra do machismo no contexto escolar brasileiro por si só caracterizasse num desafio enorme, não apenas pela inclusão de práticas que quebrem esse modelo de pensamento, que são na visão do autor de estudo, o maior desafio no modelo de ensino rígido e atrasado em que estamos inseridos, mas sim, porque a qualquer sinal de mudança, mínima que seja, há um estardalhaço enorme, muito em virtude do momento político que vivemos, apimentados pelas respostas em tempo real proporcionadas pelas redes sociais, que dão à mídia e outros seguimentos conservadores de nossa sociedade, munição para julgar negativamente determinadas práticas que deveriam ser avanços simples, de tão óbvios, mas que encontram tamanha resistência que acabam se tornando enormes obstáculos, que acabam emperrando uma mudança estrutural que se faz necessária em nosso sistema educacional.

Vale ressaltar a importância deste debate frente a sociedade que vivemos nos deparando ainda, com práticas discriminatórias de gênero em salas de aula entre professores e estudantes, sendo este um espaço de discussão e resistência no qual deveriam ser respeitadas as diferenças entre o eu e o outro, possibilitando práticas determinantes para uma sociedade mais justa e menos violenta.

Todos esses aspectos destacados pelos estudantes entrevistados nos fazem perceber da importância de se pensar o fazer docente e como as ações em sala de aula podem vir a influenciar a formação dos estudantes e inclusive sua permanência na Universidade e na profissão. Quando os professores realizam práticas diferenciadas e significativas com os estudantes, torna-se algo marcante na sua formação e pode vir a ter reflexo na sua prática profissional futura, tornando o processo de ensino aprendizagem significativo para os sujeitos envolvidos na ação docente.

Notamos que no cotidiano universitário são encontradas formas diversas de ensino, havendo fatores sociais, por exemplo, que permeiam todo o processo formativo, portanto, esse cotidiano está imerso nas discussões sociais e políticas que vão fazer o currículo ser flexível a estes contextos ou caso não ocorra estará assujeitado a uma superficialidade na formação e ação docente.

5 Considerações finais

Ao refletir sobre universidade não deixamos de perceber o fluxo de pessoas neste espaço, e a cada semestre este se renova. Desta forma, passamos a compreender o contexto universitário e os aspectos que compõe o seu cotidiano, que tornam o currículo da formação profissional na Educação Superior tão característico, com discussões tão pertinentes que estão presentes no ideário dos estudantes, e que se constitui na experiência e vivência universitária. Diante desta pesquisa, podemos perceber que a universidade é um espaço/tempo de formação, produção do conhecimento e construção de convívio social, que constitui, portanto, seus cotidianos, e o currículo, nesse aprender, ensinar e conviver com o próximo, apresenta dispositivos que potencializam a formação dos sujeitos.

As questões que envolvem currículo e cotidiano, como verificamos, apresentam as relações subsistentes nessa construção, sendo estas de aprender, saber, fazer e ser. Sendo assim, indispensável a manutenção de uma boa relação entre estudantes e professores, deve se ampliar as possibilidades na construção dos saberes e, conseqüentemente, a união de forças para o enfrentamento dos desafios cotidianos na universidade frente as diferenças culturais, sociais e de gênero.

Pensar e discutir a universidade, a formação na Educação Superior e possibilitar que os estudantes tenham voz e vez para expressar suas dúvidas, angústias, certezas e incertezas, de forma a permitir que as experiências sejam compartilhadas, ressignificadas e transformadas em novos saberes.

Diante dos dados analisados sobre as experiências dos indivíduos na universidade, visualizamos um espaço de possibilidades de construção de conhecimentos e encontros sobre aspectos que permeiam esse campo do cotidiano universitário. Pois, somente conhecendo a fundo as conquistas e dificuldades enfrentadas nesse espaço formativo, que podemos compreender o quanto se faz importante uma universidade pública e de qualidade que seja espaço de mudanças para a realização de sonhos que oportunizam melhorias nas condições de vidas de muitas pessoas que ao concluírem seus estudos universitários estarão atuantes na prática formativa de novos sujeitos.

Portanto, os relatos apresentados neste artigo retratam o cenário vivenciado pelos estudantes universitários entrevistados, seja pelas questões estruturais, pelas relações entre os sujeitos ou as batalhas pessoais que cada entrevistado enfrentou na busca pela sua formação e constituição do seu ser pessoal e profissional.

6 Referências

- BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FAVACHO, A. M. P. Currículo, Subjetivação e Experiência de si: contra os humanismos, os modismos e os relatos obtusos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 488-508, set./dez. 2016.
- FERRAÇO, C. E.; CARVALHO, J. M. Currículo, Cotidiano e Conversações. **Currículo Revista e-curriculum** ISSN: 1809-3876. Revista e-curriculum, São Paulo, v.8 n.2, Agosto, 2012.
- FERRAÇO, C. E. Currículos e conhecimentos em redes: as artes de dizer e escrever sobre a arte de fazer. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. (Org.). **O sentido da escola**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 121-150. 2004.
- FIORIO, A. F. C.; LYRIO, K, A.; FERRAÇO, C. E. Pesquisar com os Cotidianos: os múltiplos contextos vividos pelos/as alunos/as. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 569-587, maio/ago. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.
- FIORIN, B. Universidade: adaptação e aprendizagem. In: PAVÃO, Sílvia M. O. (Org.). **Ações de atenção à aprendizagem no Ensino Superior**. Santa Maria: UFSM, 2015.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FREITAS, G. J; SOARES, H. S; ADERALDO, M. F.; DUARTE, A. **Consolidação da leitura crítica dos grupos de trabalho sobre proposta de plano de segurança da SSPDS para a UECE. Universidade estadual do Ceará comissão de segurança da UECE**. Fortaleza Outubro de 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/TeT/Downloads/437-24072018-154817%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/TeT/Downloads/437-24072018-154817%20(1).pdf) Acessado em: 27 de Set. de 2021.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2019 [recurso eletrônico]** – Brasília: 2021.

LARROSA B, J. **Notas sobre a experiência e o saber experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em. Acesso em: 25 Set. 2021..

MALDONADO, M. M. C. **Espaço Pantaneiro: Cenário de Subjetivação da Criança Ribeirinha**. Niterói-RJ Abril/2009.

PIMENTA, S. G. O. **Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática?** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PÉREZ, C. L. V; AZEVEDO, J. G. Apontamentos de Aulas: questões teórico-metodológicas a respeito dos estudos com o cotidiano. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa (Org.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/ com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, p. 35-46, 2008.

PERES, P. As meninas estão mudando a escola. **Nova Escola**. 14 de Setembro | 2016. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/465/feminismo-genero-meninas-mudam-escola> Acessado em: 25 Set, 2021.

RODRIGUES, M. A. A; MELO, D. C. A (IN) SEGURANÇA SILENCIOSA NOS CÂMPUS UNIVERSITÁRIOS: estudo na Universidade Federal do Triângulo Mineiro. **Rver. Políticas Públicas**. Artigo recebido em: 24/03/2019 Aprovado em: 04/11/2019. 2019. Disponível em: file:///C:/Users/TeT/Downloads/A_INSEGURANCA_SILENCIOSA_NOS_CAMPUS_UNIVERSITARIOS.pdf Acessado em: 25 Set, 2021.

SAMPAIO, B. GUIMARÃES, J. Diferenças de eficiência entre ensino público e privado no Brasil. **Economia Aplicada**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 45-68, Janeiro/Março de 2009.

SANGUINETE, D. **O conservadorismo social brasileiro e sua influência na manifestação do machismo nas práticas pedagógicas**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, Diamantina-MG. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/33229/1/TCC-Formatado.pdf> Acessado em: 27 de Set. 2021.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

SOUSA, M. G.; CABRAL, C. L. O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149/102>>. Acesso em: 20 setembro 2021.

VEIGA-NETO, A. Currículo e telemática. **Currículo, práticas pedagógicas e identidades**. Braga: Porto Editora, p. 53-64, 2002.

VEIGA, I. P. A. **Nos laboratórios e oficinas escolares: A demonstração didática**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991. (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico). 2010.

YOUNG, M. Teoria do currículo: o que é e por que é importante. **Cadernos de Pesquisa [online]**. v.44, n.151, p.190-202, jan./mar. 2014. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/dados-do-censo-da-educacao-superior-as-universidades-brasileiras-representam-8-da-rede-mas-concentram-53-das-matriculas/21206 Acessados em 18/02/2020.